



“De César a Mussolini!”: Expressões do Império fascista na Exposição Colonial de Nápoles em 1940

Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz
Co-orientadora: Prof. Dra. Fabiana Bruno

Esta pesquisa de Iniciação Científica teve como objetivo realizar uma investigação das relações entre colonialismo tardio italiano, racismo, arte, arquitetura e urbanismo. A abordagem realizada se deu por uma dupla entrada: uma propriamente etnográfica e outra de acordo com a proposta de Aby Warburg de pensar por imagens e montagem. O material documental é composto por registros fotográficos da exposição sob duas perspectivas: 1- A visual, por meio das fotografias de Federico Patellani da construção e realização da exposição; 2- A verbo-visual, por meio da Revista de arte italiana *Emporium: Parole e Figure* (1895 - 1964) e do catálogo oficial da exposição. A perspectiva teórico metodológica determinada se deu inspirada em uma bibliografia transdisciplinar que versa sobre as potencialidades expressivas das imagens e sua ambivalência, processos de dominação colonial, etnografias de exposições universais e coloniais e as contradições decorrentes da sobreposição do Império sobre a Nação. Assim foi possível realizar uma descrição das expressões do colonialismo italiano formuladas em termos visuais na exposição.

Inaugurada em 9 de maio de 1940 exatamente 4 anos após a proclamação do império fascista com a anexação da Etiópia, finalmente a Itália havia conquistado seu império¹. Sendo a única nação europeia a perder para uma nação africana em 1885-86, essa vitória militar sobre a Etiópia foi celebrada enfaticamente.

A exposição colonial de Nápoles era organizada de acordo com 3 setores: Geográfico, Histórico, Produção. Em toda a exposição havia áreas arqueológicas, restaurantes, piscinas, zoológicos, teatros, cafés, galerias com obras de arte, galerias com reconstruções históricas, vilas indígenas e até um parque de diversões.

Nos cartazes da exposição colonial de Nápoles encontrados no acervo Wolfsonian² é possível termos acesso a algumas descrições sobre os setores que compõe a exposição bem como a algumas formulações imagéticas sobre a exposição, que em seu conjunto nos possibilitam realizar uma reflexão sobre as expressões desse momento particular que interconectava o Império fascista à nação italiana.

No texto de apresentação do setor Histórico é feita uma apresentação geral de toda a exposição colonial e diz que esta seção especificamente corresponde ao objetivo de dar o senso ideal e efetivo da obra civilizacional empreendida pelos italianos através dos séculos, bem como a conquista do Império. Seção expositiva composta pelas exposições: da expansão latina; das repúblicas marítimas; dos pioneiros e exploradores; das conquistas; das forças armadas; e, por fim, do partido nacional fascista.

No texto de apresentação do setor Geográfico é dito que há nele visões completas e sugestivas das possessões italianas: Líbia, África Oriental Italiana, Rodi e as ilhas italianas no Egeo. Em cada exposição são reunidos aspectos etnográficos e geográficos de cada região, bem como o desenvolvimento social, político, econômico, religioso, sanitário promovido pela colonização italiana. Seção expositiva composta pelas exposições: da Líbia; da África Oriental Italiana; de Rodi e das ilhas italianas no Egeo; da expansão italiana no oriente; e por fim da Albânia.

No texto de apresentação do setor da Produção é dito que seu objetivo é documentar o desenvolvimento nas colônias e suas possibilidades de atividades econômicas. Além de mostrar os avanços feitos pelo regime imperial italiano. Seção expositiva composta pelas exposições: da agricultura; da indústria; da comunicação e turismo; do crédito e do seguro; do comércio; sanitária; do livro e jornal; e por fim da cultura e propaganda.

¹ Íntegra do discurso do Mussolini <https://it.wikisource.org/wiki/Italia_-_9_maggio_1936,_Discorso_di_proclamazione_dell%27Impero>

² Acervo pertencente à Florida International University. Disponível em: <https://digital.wolfsonian.org/WOLF073225/00001/1j> Acessado em: 12. Out. 2020.

Sobre as imagens que acompanhavam esses textos de apresentação realizei uma montagem e um percurso possível sobre as expressões do colonialismo italiano. Originalmente essa e mais algumas reflexões sobre as imagens deram origem a meu ensaio *Cultura e Barbárie na Exposição Colonial de Nápoles em 1940*, publicado na Revista *Illuminuras* v.21 n.53 (2020)³



(Fonte: Elaboração própria. Todas as imagens estão disponíveis em: <https://digital.wolfsonian.org/WOLF073225/00001>)

Elaborei esta primeira montagem com os cartazes de cada setor da exposição – histórico, geográfico e da produção – presentes no catálogo. Esta montagem possibilita pensar sobre algumas expressões do colonialismo/imperialismo italiano e pontos centrais do que se buscava construir narrativa, simbólica e materialmente através da exposição. Há uma infinidade de possíveis leituras sobre essas imagens e suas relações; no entanto, vou me centrar em uma noção compartilhada entre elas, que pode ser observada quando estão próximas. Refiro-me à noção de que a África seria um espaço vazio pronto para ser colonizado, associada a uma ideia de inevitabilidade da expansão italiana.

A primeira imagem refere-se ao setor histórico e é marcada pela estrada de pedras circulares que se estende, sobreposta com essa espécie de colagem da cabeça de uma estátua romana, possivelmente César acima e com fundo tracejado em vermelho, parece uma atualização do ditado *todos os caminhos levam a Roma*. Recuperando a construção dos *cursus publicus*, uma realização impressionante do antigo império romano de conectar o império através de estradas por milhares de quilômetros⁴. Digo atualização porque, na concepção italiana fascista daquele momento, o colonialismo era um dever, herdado enquanto descendentes diretos da força expansionista do antigo império romano. Nesta lógica a estrada estava livre e aberta para a missão colonizadora italiana.

A segunda imagem refere-se ao setor geográfico e é a princípio talvez a mais enigmática, coloca em destaque o cruzeiro do sul, constelação referência na navegação, de forma que sua composição é predominada por um silêncio, talvez um alvorecer devido aos tons de preto que se diluem em azul até chegar suavemente ao

³ Inspirado por Aby Warburg e Didi-Huberman em suas reflexões sobre a ambivalência das imagens, o objetivo deste trabalho foi desenvolver uma exploração visual sobre um par de opostos que me chamou a atenção: Cultura e Barbárie. Através de um exercício de colocar essas imagens em relação e valendo-me das noções teórico-metodológicas de *pensamento por imagens e montagem* foi possível realizar uma nova forma de conhecer a Exposição colonial de Nápoles em 1940. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.100241>

⁴ Sistema criado pelo imperador Augusto para transportar mensagens, oficiais e taxas entre as províncias do império romano e a Itália, que se estendia desde a Itália até a África e Ásia. Em sua obra *History of cartography* Leo Bagrow se detém a análise deste empreendimento.

branco. É possível que tal formulação expresse um despertar e uma orientação por onde o império fascista italiano devesse seguir sua missão, colocada quase em termos cósmicos de um destino. Vale a pena nesse momento trazer a citação de Cecil Rhodes que abre a seção *Imperialismo* do livro *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt: *Se eu pudesse, anexaria os planetas*. Esta frase emblemática expressa em poucas palavras o desejo, chegando à obsessão, de se expandir o império. Este sentimento também está expresso nesta imagem, de um período marcado pelas novas políticas de expansão por amor à expansão, como descreve Arendt (2012). Mais uma vez o que aparece é o espaço vazio, pronto para ser explorado, dominado e conquistado pela força expansionista italiana.

Na terceira refere-se ao setor da produção e é particular a forte presença do trator que visto debaixo para cima, se projeta para frente, quase fora do quadro em sua imponência que intensifica uma percepção da inevitabilidade de seu avanço sobre a terra. A palmeira ao fundo evidencia o que poderia não ser óbvio, o território sob o qual o trator avança é africano. Há aqui uma forte formulação sobre essa ideia de que a África era um território sem vestígios de civilização na qual se teria legitimidade de subjugar os “selvagens” que lá vivessem.

Em diálogo com a obra *Cultura e imperialismo* de Edward Said, é possível compreender esta montagem enquanto um bom exemplo de manifestação do que Said chama de “estruturas de sentimento”. Tais estruturas surgem justamente ligadas ao desenvolvimento de identidades culturais dos impérios, que imaginam a si mesmas como num mundo concebido em termos geográficos (Said, 2011). Acredito que estas 3 imagens podem ser pensadas em conjunto com as discussões colocadas por Said sobre a interpelação de cultura e imperialismo, em especial, as expressões culturais que legitimam a ideia de que determinado lugar/povo pode e deve ser dominado e subjugado.

Faz-se fundamental destacar que é possível, a partir dessa montagem, estabelecer diversos percursos em torno das expressividades dessas imagens e possíveis relações entre elas. Outro percurso possível para além do que elaborei seria: Partindo da direita para a esquerda, no qual o massacre e dominação (Setor da produção) se justificariam pela herança civilizadora dos italianos, que se evidenciaria pela arquitetura (Setor histórico) em missão civilizatória além mar (Setor geográfico).

Assim como as outras exposições coloniais e universais suas pretensões eram a de reunir e expor as colônias para os cidadãos da metrópole. Em Nápoles o objetivo era expor não apenas metaforicamente as colônias, a intenção era realizar uma experiência sensorial que fosse capaz de mostrar o universo colonial italiano e a força civilizacional romana de César a Mussolini.

O particular do colonialismo italiano é sua busca incessante de conexão com o Império Romano a fim de se resgatar noções de vitória, gloriiosidade, expansão imperial e enquanto força civilizadora. Francesca Genduso (2016) em seu trabalho *Mediterraneità in bilico: la costruzione dell'italianità attraverso la conquista dell'oltremare* chama a atenção para as tensões na mobilização e constituição do conceito de “mediterraneidade”, cujo papel na criação de uma identidade nacional e na justificação da conquista colonial foi importante para a construção da “italianidade”. Este conceito de “mediterraneidade” por vezes aproximava e por outras afastava italianos dos povos colonizados africanos. Ele teve papel distinto em períodos diferentes, sendo explorado seu marcador de diferença mais expressivamente com o crescente autoritarismo fascista, em relação a outros períodos em que ele aproximava italianos aos nativos das colônias.

Genduso aponta como na Itália os estudos e teorias sobre as diferenças raciais ganhavam força e menciona o trabalho do antropólogo Giuseppe Sergi, cuja corrente foi privilegiada no primeiro período do regime fascista. Esta corrente argumentava que africanos e italianos pertenciam a mesma raça, portanto, mediterrâneos e camitas teriam a mesma origem, mas os primeiros teriam preservado suas características com o florescimento da civilização grega e romana, enquanto os africanos teriam se tornado bárbaros através dos séculos. Dessa maneira, a bacia do mediterrâneo é ao mesmo tempo motivo de proximidade com o continente africano por razões espaciais e étnicas, mas distinta por razões históricas e culturais (GENDUSO, 2016, p.3).

A exposição tinha um lugar de auto afirmação e produção de uma identidade nacional em meio a legitimação da violência colonial e da expansão do império. McLaren (2014) aponta para a utilização do racionalismo na arquitetura como forma sugestiva de precisão e clareza de uma máquina militar bem

organizada. Viviana Gravano (2016) traz contribuições importantes com relação a como o regime fascista expunha e narra uma identidade nacional que se baseava em dois pontos: o passado romano e cristão.

Em grande medida a bibliografia reunida por mim sobre as relações entre fascismo e arquitetura apontam o grande interesse de Mussolini pela arquitetura, que diversas vezes declarou como a grande arte. Ele via a arquitetura como uma das principais ferramentas de reeducação dos italianos, em vista de formar o novo “homem italiano” que o fascismo sonhava em fazer nascer. Gravano destaca como o forte interesse de Mussolini pela arquitetura moderna e pelo classicismo romano, dois elementos aparentemente contraditórios, geraram uma espécie de “estilo fascista” italiano que Mussolini buscava (GRAVANO, 2016, p.1)

A inspiração na Roma antiga não produziu um “neoclassicismo”, mas uma nova visão que conseguiu implementar uma nova monumentalidade moderna que serviu ao Duce expressar seu poder, bem como a “continuidade futura atemporal” de seu poder ditatorial enquanto não decorrente de uma escolha do presente, mas herdeiro da tradição milenar ocidental, nascida da cultura grega e depois expressa plenamente na época romana, do cristianismo e depois do renascimento italiano (GRAVANO, 2016, p.1)

A autora nos aponta ainda como as referências à “romanidade” e à cristandade como valores eternos e absolutos da italianidade são centrais para o fascismo, mas que tem uma história anterior que acompanha o próprio nascimento da Itália como Estado unitário e o período liberal antes do fascismo. Dessa maneira, a “romanidade” e a cristandade foram elementos unificadores e catalizadores. Os estudos arqueológicos e a filologia romana foram matéria fundamental para a formação de uma cultura acadêmica “italiana” que deveria contribuir a criar uma identidade moderna nacional que a Itália não possuía (GRAVANO, 2016, p.4)

Gravano aponta como o fascismo usou a abordagem patriótica e cultuada existente sobre a “romanidade” para atrair intelectuais para suas causas doutrinárias. Antes mesmo de Mussolini em sua empreitada colonial os governos liberais já justificavam a colonização como a necessidade de defender a cultura europeia contra a decadência do Oriente, identificada com o império Otomano e o que consideravam como anticristão. Em outras palavras a Itália, herdeira da tradição romana cristã, deveria reafirmar seu domínio cultural como baluarte do ocidente contra a barbárie, especialmente no mediterrâneo (GRAVANO, 2016, p.4)

No caso da exposição de Nápoles para se alcançar um alto nível de precisão e autenticidade foram transportadas vegetação nativa das colônias, os próprios nativos e construídas edificações tomadas pelos italianos como as vilas indígenas. Para isto foi necessária uma ampla pesquisa antropológica sobre essas habitações, sendo Lidio Cipriani importante pela produção de seu livro *Abitazioni indigene dell’Africa Oriental Italiana* publicado conjuntamente a exposição. É necessário se ressaltar que no empreendimento colonial italiano, assim como nos demais europeus, a produção de um *saber colonial* foi fundamental para a própria legitimação da dominação e serviram concomitantemente a produção da alteridade, em outras palavras, como a partir das relações estabelecidas com outros povos a Itália se imaginou.

A conexão imediata com o passado romano é algo interessante para se pensar em diálogo com a obra *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson. Nesta obra o autor, influenciado por Walter Benjamin, mostra como os discursos de nacionalidade são caracterizados pela noção de simultaneidade, que inaugura uma ideia de tempo vazio e homogêneo. Ao longo de sua obra o autor apresenta como as 3 instituições censo, mapa e museu foram fundamentais para moldar imaginações dos Estados sobre seus domínios, a natureza dos seres por ele governados, a geografia desses territórios e, portanto, a legitimidade em relação ao passado. Assim, seria importante ter especial atenção às ideologias e políticas coloniais, a gramática em que elas se apresentaram desde o sec. XIX, que se torna decididamente mais clara, para o autor justamente as 3 instituições de poder (censo, mapa, museu) mostram claramente essa gramática (ANDERSON, 2008, p. 227). Algo possível de se observar no caso da Exposição Colonial de Nápoles em 1940 que reunia em formato expositivo pesquisa etnográfica e uma infinidade de mapas e obras artísticas interconectados pela narrativa histórica de descendência direta do império romano e de sua força colonizadora.

Toda a exposição era um lugar produtor de alteridade, no entanto as Vilas Indígenas eram centrais para a afirmação de uma identidade nacional, do “italiano” em contraposição aos “selvagens” nativos das colônias. Nessas habitações supostamente indígenas os nativos deveriam encenar suas práticas culturais para os visitantes.

Alessandra Ferlito (2016) em seu trabalho sobre a exposição colonial de Nápoles chama a atenção justamente sobre como o conceito de “italianidade” se constituiu na exposição através da criação da diferença

entre nós italianos e os outros não ocidentais, em termos fundamentalmente visuais e expositivos. A exposição tinha a pretensão de ser uma espécie de “opera d’arte totale”, voltada para a celebração da italianidade, sua origem gloriosa e seu destino prometido. Outro ponto importante colocado pela autora é o protagonismo de Mussolini que atuou como autor e curador da exposição, realizando as escolhas formais, sendo presente sua concepção do presente e sua ambição sobre o futuro do Império a pouco proclamado 4 anos antes.

Outra contribuição de Ferlito é seu destaque às diretivas centrais da exposição que privilegiava duas tendências arquitetônicas aparentemente opostas: Uma tradicionalista e conservadora, referente ao classicismo romano, e uma mais “moderna” e inovadora de matriz racionalista. Havia dessa maneira eixos que coordenavam a exposição, sendo eles: uma continuidade entre Roma imperial e o colonialismo fascista, a antinomia entre tecnologia/atraso e civilidade/barbárie, bem como a comparação sistemática entre o velho pré-colonial e novo realizado pelo fascismo (FERLITO, 2016, p.8 apud DORE, 1992, p.52). Assim, na exposição colonial de Nápoles a pintura, arquitetura e escultura foram uma tríade fundamental para a formulação estética, emotiva e sensorial.

Por último é importante se ter em vista, como Arena (2011) coloca, que as dimensões políticas ou propagandísticas não podem ser deixadas de lado. A Itália buscava também mostrar na exposição um processo de modernização de seus territórios, um desenvolvimento visto como extensão do sistema econômico da metrópole. As exposições eram mais do que apresentações visuais que buscavam encorajar o desenvolvimento econômico, elas eram também um lugar de negócios onde os produtos da Itália colonial e suas possessões eram ambas colocadas em exibição e a venda.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Tradução Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENA, Giovanni. The City of the Colonial Museum: The Forgotten Case of the Mostra d’Oltremare of Naples. In: GREAT NARRATIVES OF THE PAST. TRADITIONS AND REVISIONS IN NATIONAL MUSEUMS, 2011, Linköping. Anais... Linköping: Linköping University Electronic Press, 2011. Disponível em: <<https://ep.liu.se/ecp/078/017/ecp12078017.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2020.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

CORGNATI, Martina. **Arte e identità nazionale. Riflessioni sul caso italiano**. California Italian Studies, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/36c4108r>>. Acesso em: 27 abr 2019.

FERLITO, Alessandra. **Re-inventare l’italianità: la Triennale delle Terre italiane d’Oltremare**. Italianità, v. ano 6, n. 23, 1 Nov 2016. Disponível em: <<http://www.roots-routes.org/re-inventare-litalianita-la-triennale-delle-terre-italiane-doltremare-napoli-alessandra-ferlito/>>. Acesso em: 27 abr 2019.

GENDUSO, Francesca. **Mediterraneità in bilico: la costruzione dell’italianità attraverso la conquista dell’oltremare**. Italianità, v. ano 6, n. 23, 21 Out 2016. Disponível em: <<http://www.roots-routes.org/mediterraneita-bilico-la-costruzione-dellitalianita-la-conquista-delloltremare-francesca-gendus/>>. Acesso em: 27 abr 2019.

GRAVANO, Viviana. **La Romanità dell’Italia coloniale e fascista. La partecipazione Italiana alla Exposition Coloniale de Paris del 1931**. Italianità, v. ano 6, n. 23, 31 Ago 2016. Disponível em: <<http://www.roots-routes.org/la-romanita-dellitalia-coloniale-fascista-la-partecipazione-italiana-alla-exposition-coloniale-de-paris-del-1931-viviana-gravano/>>. Acesso em: 27 abr 2019.

MCLAREN, Brian L. **Architecture During Wartime: The Mostra d’Oltremare and Esposizione Universale di Roma**. Architectural Theory Review, v. 19, n. 3, p. 299–318, 2 Set 2014.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, João Pedro Rangel Gomes Da. **Cultura e Barbárie na Exposição Colonial de Nápoles em 1940**. ILLUMINURAS, v. 21, n. 53, 11 Ago 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/100241>>. Acesso em: 18 ago 2020.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecos do atlântico sul**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

Triennale d’oltremare, Napoli, 1940-XVIII. Disponível em: <<https://digital.wolfsonian.org/WOLF073225/00001/1j>>. Acesso em: 6 dez 2019.